

ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS: relevância e contribuições no cenário brasileiro

Dayane Trindade Macedo¹

Resumo

A incorporação de novas linguagens baseadas em uma nova lógica de obtenção de lucros, está diretamente ligada à ideia de que basta um esforço pessoal para conseguir alcançar objetivos – esses também fomentados pela lógica capitalista neoliberal. Um novo léxico é fundamental para que indivíduos se vejam não mais como meros empregados, mas agora como “colaboradores”, como parte de uma empresa que é como uma “grande família”. A crença de que as posições que ocupamos dependem simplesmente de mérito individual ganha ainda mais força porque nos fechamos em análises economicistas, que desconsideram processos de socialização, como por exemplo a socialização familiar, escolar, religiosa. O objetivo deste ensaio é elaborar uma discussão sobre a relevância do estudo de trajetórias como método de análise social, atentando para histórias individuais e de grupos que expressam as estruturas sociais existentes, a partir de que elementos se dá a manutenção ou rompimento dessas estruturas, e como tais estruturas sedimentam desigualdades – não somente a nível material, mas simbólico em inúmeros sentidos. Este ensaio é resultado de um breve levantamento bibliográfico sobre o tema, inspirado em discussões sobre a precarização do trabalho no Brasil, classes e frações de classe que se expressam desde o início dos anos 2000.

Palavras-chave: Análise de trajetórias. Precarização. Neoliberalismo.

TRAJECTORY ANALYSIS AS A METHODOLOGICAL TOOL IN SOCIAL SCIENCES: relevance and contributions in the Brazilian scenario

Abstract

The incorporation of new languages based on a new logic of obtaining profits is directly linked to the idea that personal effort is enough to achieve objectives – these also fostered by neoliberal capitalist logic. A new lexicon is essential for individuals to see themselves no longer as mere employees, but now as “collaborators”, as part of a company that is like a “big family”. The belief that the positions we occupy simply depend on individual merit gains even more strength because we close ourselves in economic analyzes that disregard socialization processes, such as family, school and religious socialization. The objective of this essay is to elaborate a discussion on the relevance of studying trajectories as a method of social analysis, paying attention to individual and group stories that express existing social structures, through which elements the maintenance or disruption of these structures takes place, and how such structures sediment inequalities – not only at a material level, but symbolic in countless senses. This essay is the result of a brief bibliographical survey on the topic, inspired by discussions about the precariousness of work in Brazil, classes and class fractions that have been expressed since the beginning of the 2000s.

Keywords: Trajectory analysis. Precariousness. Neoliberalism.

¹ Mestre em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutoranda (PPGS / UFPB) E-mail: dayanetrindadem@gmail.com.

EL ANÁLISIS DE TRAYECTORIA COMO HERRAMIENTA METODOLÓGICA EN CIENCIAS SOCIALES: relevancia y contribuciones en el escenario brasileño

Resumen

La incorporación de nuevos lenguajes basados en una nueva lógica de obtención de ganancias está directamente ligada a la idea de que el esfuerzo personal es suficiente para alcanzar objetivos –estos también fomentados por la lógica capitalista neoliberal–. Un nuevo léxico es esencial para que las personas ya no se vean como simples empleados, sino como “colaboradores”, como parte de una empresa que es como una “gran familia”. La creencia de que las posiciones que ocupamos dependen simplemente del mérito individual gana aún más fuerza porque nos cerramos en análisis economicistas que ignoran los procesos de socialización, como la familia, la escuela y la socialización religiosa. El objetivo de este ensayo es elaborar una discusión sobre la relevancia de estudiar las trayectorias como método de análisis social, prestando atención a historias individuales y grupales que expresan estructuras sociales existentes, a través de qué elementos se produce el mantenimiento o disrupción de dichas estructuras, y cómo tales estructuras sedimentan las desigualdades, no sólo a nivel material, sino también simbólico en innumerables sentidos. Este ensayo es el resultado de un breve recorrido bibliográfico sobre el tema, inspirado en las discusiones sobre la precariedad del trabajo en Brasil, las clases y las fracciones de clase que se han expresado desde principios de la década de 2000.

Palabras clave: Análisis de trayectoria. Precariedad. Neoliberalismo.

Introdução

A crença comum de que ocupamos determinadas posições no mundo social de acordo com nosso mérito individual e nossa habilidade pessoal para enfrentar a vida, é uma mentira que ganha força em sociedades – como a nossa brasileira – que são regidas pelo que Boltanski e Chiapello (2009) chamam de “novo espírito do capitalismo”, que também pode ser colocado como a “alma” do neoliberalismo. De acordo com os autores,

As possibilidades de contratação temporária, uso de mão de obra substituta e horários flexíveis, bem como a redução dos custos de demissão desenvolveram-se amplamente no conjunto dos países da OCDE², cerceando aos poucos os dispositivos de proteção instaurados durante um século de luta social. Paralelamente, as novas tecnologias de comunicação, encabeçadas pela telemática, possibilitaram gerar encomendas em tempo real em nível planetário, conferindo meios para uma reatividade mundial até então desconhecida. Foi um modelo completo de gestão da grande empresa que se transformou sob esse impulso, para dar origem a uma maneira renovada de obter lucros. (BOLTANSKI E CHIAPELLO, 2009, p. 22)

A incorporação de uma nova linguagem, baseada nessa nova lógica de obtenção de lucros, está ligada diretamente à ideia de que basta um esforço pessoal para conseguir

² Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

alcançar objetivos – objetivos esses também fomentados pela lógica capitalista neoliberal. Um novo léxico foi e é fundamental para que indivíduos se vejam não mais como meros empregados, mas agora como “colaboradores”, como parte de uma empresa que é como uma “grande família”. Aliado a isso, Jessé Souza (2009) indica que essa crença – citada inicialmente, de que as posições que ocupamos dependem simplesmente de mérito individual – ganha ainda mais força porque nos fechamos em análises economicistas, que desconsideram processos de socialização, como por exemplo a socialização familiar, escolar, religiosa. Ele defende que

Como todas as condições sociais, emocionais, morais e econômicas que permitem criar o indivíduo produtivo e competitivo em todas as esferas da vida simplesmente não são percebidas, o “fracasso” dos indivíduos de classes não privilegiadas pode ser percebido como “culpa” individual. (SOUZA, 2009, p. 20)

É com isso em mente que podemos falar sobre a importância do estudo de **trajetórias sociais**. A análise de trajetórias nos dá ferramentas para refletirmos, a partir de histórias individuais e de grupos, sobre algo maior, como as estruturas existentes que sedimentam desigualdades. Caminhando ao lado de Bourdieu (2008), quando falamos em estruturas nos referimos a ideia de um sistema de hierarquias de poder e privilégio, que é formado por diversos aspectos (econômicos, culturais, etc), no qual a ação do indivíduo é informada pelo lugar que ele ocupa na sociedade – posições que são ocupadas não por mero acaso do destino, mas, fundamentalmente, por um contexto histórico-político-social, seu *habitus*, os tipos de capital que possui. Essas ações transcendem os agentes singulares. Ao mesmo tempo, as estruturas não são algo fixo e determinado (ou determinante), são produto de uma gênese social dos esquemas de percepção, de pensamento e de ação, logo, passíveis de transformação.

Pensar em trajetórias a partir da discussão de Bourdieu é equivalente a pensar em “destinos coletivos”. Segundo o mesmo, as trajetórias são influenciadas pela classe em que estamos inseridos, com uma provável repetição ao longo do tempo, mas que não é algo determinante, como mencionado anteriormente. Ele defende que a passagem de uma posição social para outra depende de acontecimentos coletivos e individuais, que são colocados como aleatórios, mas que na realidade dependem das posições previamente ocupadas e das disposições (*habitus*) dos agentes. Quando fala em *habitus*, Bourdieu (2007, p. 191) se refere a um “sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do

conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes”. É possível que um indivíduo construa uma trajetória diferente da do seu grupo de origem, mas suas práticas continuam sendo influenciadas pelo seu “destino de classe”.

Desse modo, a análise de trajetórias, seguindo um viés bourdieusiano, se mostra interessante porque torna possível um debate que desmantela o argumento meritocrático que responsabiliza os indivíduos pelo seu “sucesso” ou “fracasso” e joga para debaixo do tapete as verdadeiras razões que mantêm os desprivilegiados em posições de subalternidade e desigualdade constante. Para Rombaldi e Tomizaki (2023, p. 730), o estudo de trajetórias é importante justamente porque se faz necessário “observar a relação entre as condições estruturais e a dinâmica das práticas sociais, para além de interpretações centradas exclusivamente na racionalidade econômica – como se os indivíduos detivessem as mesmas capacidades de julgamento”. Indivíduos que partem de lugares diferentes, que acumulam (ou não) diferentes capitais (econômico, cultural, intelectual, social, etc), tem chances diferentes, acessam oportunidades diferentes (ou não acessam). Alguns trabalhos como os de Ricardo Visser, Brand Arenari, Roberto Torres, Patrícia Mattos, entre outros presentes em “Ralé brasileira” e “Os batalhadores brasileiros” – livros organizados por Jessé Souza –, bem como discussões sobre o mundo do trabalho elaboradas por Rombaldi e Tomizaki, tem grande relevância no que diz respeito a argumentação sobre a importância da análise de trajetórias para a Sociologia.

Análise de trajetórias enquanto método

A análise de trajetórias faz parte do *ball* de possibilidades metodológicas nas Ciências Sociais. Como em toda pesquisa sociológica, é necessário, segundo Bourdieu (2010), que haja consciência sobre a construção e os **procedimentos** para a construção do objeto. Segundo Angela Alonso (2016, p. 9), a análise de trajetórias pertence a um grupo de métodos qualitativos que “ambicionam desvendar estruturas e processos sociais invisíveis a olho nu, por meio de técnicas de reconstrução histórica” e, assim como outros métodos, possui vantagens e desvantagens. Para Alonso, a análise de trajetórias – “prima das prosopografias” – é:

O estudo de processos sociais por meio de mudanças e/ou permanências de posição (econômica, familiar, escolar, profissional, política etc.) nas vidas dos indivíduos – ou, eventualmente, entre gerações de uma mesma família ou grupo. Visam a desvendar e descrever articulações entre os fenômenos objetivos e a experiência subjetiva ao longo da vida de vários indivíduos, para identificar uma

sequência recorrente, por meio da identificação de padrões similares em várias histórias individuais. Isto é, visam a tipificar o trajeto – daí o nome – pelo qual os indivíduos chegam a ocupar as posições sociais que ocupam. (ALONSO, 2016, p. 13-14)

Os estudos de trajetórias se dividem em dois tipos: trajetórias objetivas e subjetivas. O primeiro diz respeito às posições sociais que o indivíduo ocupou ao longo de sua vida, e que compõem sua subjetividade. O segundo tipo busca reconstruir os sentidos dados pelos indivíduos a eventos que viveram e consideram significativos. Nesse caso, o objetivo é, segundo Alonso (2016, p. 14), “encontrar as lógicas (cognitiva, afetiva, pessoal e social) atribuídas pelos indivíduos ao conjunto de escolhas que realizaram em seus percursos biográficos. Trata-se, pois, de uma reconstrução subjetiva das posições objetivas, que são vividas como histórias pessoais”.

Se uma das propostas da Sociologia é restituir o sentido de nossas ações, como sugere Bourdieu (2006, p. 92), o estudo de trajetórias é uma opção metodológica bastante eficaz para alcançar esse propósito, já que viabiliza a compreensão de ações individuais e das percepções desses indivíduos sobre suas próprias ações diante de uma estrutura pré-estabelecida e dos processos sociais que essa estrutura engendra. Enquanto as trajetórias objetivas, juntamente com a prosopografia, possibilitam a generalização, as trajetórias subjetivas, ao lado da biografia e história de vida, ganham em profundidade. Ao mesmo tempo, essas ferramentas metodológicas – assim como tantas outras – tem limites e desvantagens. No caso das trajetórias objetivas, por exemplo, a dimensão subjetiva dos interlocutores acaba se perdendo. Sobre esse ponto Alonso defende que

As análises de trajetória subjetiva têm, obviamente, problemas similares aos da história de vida. Ambas podem perder informações relevantes sobre dados objetivos que influenciam a trajetória do indivíduo, como a renda familiar, o grau de escolaridade, a região de origem, a geração, se estes forem negligenciados nas narrativas. Desse ponto de vista, biografias, prosopografias e trajetórias objetivas são mais vantajosas, pois trabalham com as vidas dos indivíduos, mas não necessariamente com as suas narrativas, e, mesmo quando se valem disso, completam ou cotejam os relatos com fontes documentais para aferir a sua confiabilidade. As trajetórias objetivas, contudo, têm a desvantagem contrária: a análise expurga aspectos subjetivos considerados idiossincráticos e, assim, pode perder os contextos de experiência – redes de amizade, de compadrio etc. – que condicionam os rumos das vidas individuais. (ALONSO, 2016, p. 16)

As entrevistas são um meio de acessar essas trajetórias. Elas podem ser elaboradas como um tipo de roteiro que conduz a conversa, com algumas questões que são importantes de serem observadas, como contexto familiar, educacional, religioso, ocupacional, etc. A elaboração de um roteiro de entrevista – assim como qualquer

questionário – deve ser feita com clareza sobre o que se busca apreender. É imprescindível também falar a “mesma língua” dos interlocutores, pois o que pode ser óbvio para quem pergunta, muitas vezes não faz sentido para quem responde. Para Bourdieu:

Sempre que o sociólogo for inconsciente em relação à problemática implicada em suas perguntas, privar-se-á de compreender a problemática que os sujeitos implicam em suas respostas: nesse caso, estão preenchidas as condições para que passe despercebido o equívoco que leva a descrever, em termos de ausência, determinadas realidades dissimuladas pelo próprio instrumento da observação e pela intenção, socialmente condicionada, do utilizador do instrumento. (BOURDIEU, 2010, p. 56)

É interessante sinalizar que um trabalho que tem como principal instrumento metodológico a análise de trajetórias precisa estar atento ao que Bourdieu (1986) chama de “ilusão biográfica”, ou seja, a ideia de que a história de vida seria algo com um desenvolvimento lógico, cronológico, coerente. Bourdieu critica a artificialidade que pode existir quando atribuímos sentido e conexões a determinados eventos, os quais certas vezes tem pouca ou nenhuma conexão. A compreensão de uma trajetória parte do pressuposto de que os agentes ocupam posições variadas em variados campos, e é necessário conhecer “os estados (aos menos os mais pertinentes) sucessivos do campo em que ela se desenvolve para estabelecer relações objetivas entre os agentes nesse mesmo campo e afrontados com o mesmo espaço de possíveis” (COSTA, 2015, p. 65). Além disso, é possível (e mesmo necessário) ir além, utilizando outras fontes como documentos, dados quantitativos (se for o caso), etc. Bourdieu defende que não há uma regra específica sobre o uso de diferentes métodos para analisar a realidade, contanto que seu uso seja “controlado por uma reflexão metódica sobre as condições e limites de sua validade que, em cada caso, depende de sua adequação ao objeto, isto é, à teoria do objeto” (BOURDIEU, 2010, p. 64).

Algumas contribuições

Alguns nomes citados ao longo deste trabalho demonstram a fecundidade do estudo de trajetórias no campo das Ciências Sociais e, entre estes, destacamos aqui dois livros organizados por Jessé Souza: “Os batalhadores brasileiros” (2012) e “Ralé brasileira” (2009), livros que são resultado de pesquisas de campo construídas por diversos/as colaboradores/as, onde elaboram uma discussão sobre classe e frações de classe no Brasil no início dos anos 2000. O argumento central é de que existem conjuntos de indivíduos que fazem parte de frações de classe específicas – a **ralé** e os **batalhadores** –, que

compreendem e acessam o mundo a partir das posições que ocupam e das suas trajetórias que, diferente do que se imagina, pouco ou nada tem de individual.

Para ilustrar, uma das pesquisas que compõem “Os batalhadores brasileiros” é o trabalho de Ricardo Visser, intitulado “A formalidade precária: os batalhadores do telemarketing”, onde o autor apresenta uma breve história do telemarketing no Brasil, sua relação com o crescimento do terceiro setor e da terceirização dos serviços, e a privatização das empresas de telecomunicações. Quando fala de precariedade, o autor se refere a um tipo de trabalho que contribui para a desorganização da vida como um todo, que tem como efeito a diminuição das possibilidades de realização de planos e aspirações futuras. Segundo Visser (2012), a tão falada flexibilidade pode significar tanto a radicalização da exploração da força de trabalho – pensando em trabalhos precariamente qualificados – e também a possibilidade de uma certa autonomia, na qual o trabalhador pode organizar seu próprio horário, etc. – no caso de trabalhos altamente qualificados. O autor defende que “o telemarketing é uma ocupação cuja constituição é precária, e tem consequências não só a nível individual, mas também social. Ajuda a reproduzir uma condição precária que impede o sentimento de segurança social” (VISSER, 2012, p. 62). O que se pode notar é que o telemarketing funciona como um trabalho que reúne condições de trabalho do século XIX, com tecnologia do século XXI: controle rigoroso, metas, pausas rápidas. Tanto nesta pesquisa quanto nas outras que fazem parte de “Os batalhadores brasileiros”, a escola e a família reproduzem valores como o “trabalho duro” e sacrifício pessoal, ambos centrais na incorporação das disposições (*habitus*) para o trabalho. Visser defende que

Essa nova classe trabalhadora se define pela incorporação de fortes disposições para o trabalho árduo, para o sacrifício pessoal, e que paga com o próprio corpo e alma o preço do capitalismo cada vez mais dominado por padrões de exploração do trabalho ainda mais eficazes e sutis. (VISSER, 2012, p. 82)

A família, a escola, a religião, o matrimônio, são categorias presentes em basicamente todas as pesquisas que os dois livros reúnem. Elas ocupam lugar de destaque nas trajetórias dos interlocutores. Um outro exemplo é o trabalho “Os batalhadores e o pentecostalismo: um encontro entre classe e religião”, onde os autores Brand Arenari e Roberto Torres debatem o lugar da religião nessa nova classe trabalhadora. O estudo busca compreender o que há de afinidade entre batalhadores e o pentecostalismo, e para isso Arenari e Torres tem como objetivo entender quem e o que são os batalhadores enquanto classe social, bem como procuram analisar o que é o pentecostalismo enquanto movimento religioso de uma

classe social determinada. Ao contar brevemente a história do pentecostalismo, os autores defendem que esta é uma típica religião das classes dominadas. Com objetivo de demonstrar que a religião também faz parte da dinâmica das classes, os autores defendem que ela desempenha um papel importante no processo de formação de um certo “*habitus* batalhador”, assim como contribui para estruturar interações face a face que são decisivas. É possível perceber também que ocupar uma determinada posição social implica em estar inserido em um “campo de possibilidades e impossibilidades” (ARENARIA E TORRES, 2012, p. 347).

Um último exemplo é o trabalho de Patrícia Mattos, presente no livro “Ralé brasileira”, o qual se chama “A dor e o estigma da puta pobre”. O objetivo é “mostrar como se constrói socialmente a prostituta, que condições sociais e que modos de vida produzem e reproduzem um tipo humano excluído e estigmatizado” (MATTOS, 2009, p. 175). De acordo com a autora, condições materiais e sociais precárias produzem subjetividades também precárias. Características como autoconfiança e autoestima baixas são exemplos disso. Existe uma espécie de “destino” previsto para as mulheres da ralé que é um lugar onde não são reconhecidas socialmente e tem poucas probabilidades de mudança. O que a autora busca demonstrar é que, diferente do senso comum que vê na prostituta um indivíduo que escolheu seu trabalho, sua realidade, seu lugar no mundo social, se tornar prostituta não é exatamente uma escolha. Ela coloca que

Essa escolha, como diz Pierre Bourdieu, é apenas aparente, constituindo-se, na verdade, em uma “escolha pré-escolhida”, na qual as prostitutas são inclinadas a orientarem sua conduta a partir de alternativas previamente definidas pelo contexto de vulnerabilidade e precariedade do seu universo familiar. (MATTOS, 2009, p. 175)

Considerações finais

O estudo de trajetórias possibilita uma melhor compreensão das dinâmicas sociais, das posições que ocupamos, o lugar de onde viemos e os possíveis lugares que podemos ocupar. É uma tentativa de ir além das análises que se apegam somente a fatores econômicos e desprezam questões culturais que constroem nossas disposições para agir, pensar e enxergar o mundo de determinadas formas. Nenhum agente age sozinho, e a análise de trajetórias aliada ao conceito de *habitus*, repetido diversas vezes ao longo deste breve trabalho, oferece uma lente pela qual é possível enxergar a força da socialização (familiar, escolar, religiosa, etc) e o impacto disso na prática, no cotidiano, nos corpos, nas

relações, bem como nos ajuda a compreender como as desigualdades são produzidas e reproduzidas na sociedade. Rombaldi e Tomizaki destacam que

As condições sócio-históricas nas quais os indivíduos estão inseridos – como as oportunidades e restrições econômicas associadas à posição de classe de sua família – também atuam como condicionantes da ação social. Bourdieu propõe em “A distinção” que as condições objetivas de existência – que estão relacionadas a dada posição de classe – se traduzem em condicionamentos subjetivos, isto é, em disposições à conduta expressa nos mais variados estilos de vida. Isso significa que, para os membros de uma dada classe social, existem orientações que induzem – não determinam, portanto – à constituição dos gostos musicais e preferências alimentares, alcançando até as inclinações políticas ou as disposições para o exercício de atividades profissionais. (ROMBALDI E TOMIZAKI, 2023, p. 727)

Finalmente, a análise de trajetórias, como já foi colocado no início deste trabalho, nos inspira a refletir sobre posições (e disposições) no mundo social, sobre “sucesso” ou “fracasso”, não como algo dado ou alcançado por mérito individual, mas como resultado de diversos fenômenos sociais, históricos, econômicos, políticos, como foi demonstrado nos trabalhos aqui citados e em outros que confirmam este argumento.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: ABDAL, Alexandre; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas; SANTOS JÚNIOR, Jaime. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/Cebrap, 2016. p. 8-23.
- ARENARI, Brand; TORRES, Roberto. Os batalhadores e o pentecostalismo: um encontro entre classe e religião. In: SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2012. p. 311-348
- BOLTANSKI, Lue; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Trad. Ivone C Benedetti.
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.-C.; PASSERON, J.C. A construção do objeto. In: _____ (orgs.). **Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na Sociologia**. 7a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 45-72.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. 2006. Trad. Luciano Codato.
- BOURDIEU, Pierre. O conhecimento pelo corpo. In: _____. **Meditações Pascalianas**. 2º Ed. Rio de Janeiro, Bertrand, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. O espaço social e suas transformações. In: _____. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. p. 95-134.
- BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de La Recherche En Sciences Sociales**, v. 62-63, p. 69-72, jun. 1986. Trad. Olívia Alves Barbosa.
- MATTOS, Patrícia. A dor e o estigma da puta pobre. In: SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vivem**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2009. p. 173-201.

ROMBALDI, Mauricio; TOMIZAKI, Kimi Aparecida. A Distinção: contribuições da sociologia bourdieusiana aos estudos das relações de trabalho no brasil. In: OLIVEIRA, Roberto Vêras de; RAMALHO, José Ricardo; SANSON, Cesar. **Diálogos críticos: o pensamento estrangeiro e a sociologia do trabalho no brasil**. São Paulo: Annablume, 2023. p. 721-740.

SOUZA, Jessé (org.). **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Humanitas, 2012.

SOUZA, Jessé (org.). **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VISSER, Ricardo. A formalidade precária: os batalhadores do telemarketing. In: SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2012. p. 61-84